

OPINIÕES DE UM HOMEM COMUM

ENTREVISTA DE TOSTÃO A NUNO RAMOS*

RESUMO

Eduardo Gonçalves Andrade, o Tostão, foi um dos maiores jogadores de futebol que o Brasil já teve, sendo comparado a Pelé. Nesta entrevista, Tostão relembra momentos importantes de sua vida como jogador, fala do futebol no Brasil de hoje e de sua vida atual como médico — ou, nas palavras dele, como "homem comum".

Palavras-chave: futebol; Brasil; Copa do Mundo; Tostão.

SUMMARY

Eduardo Gonçalves Andrade, more commonly known as Tostão, was one of the greatest soccer players that Brazil has ever had, often compared to Pelé. In this interview, Tostão recollects important moments of his career as a player, speaks of soccer in Brazil today, and reflects upon his current life as a doctor — or, as he puts it, as a "common man".

Keywords: soccer; Brazil; Soccer World Cup; Tostão.

Desde a modéstia de seu apelido, passando pela falta de estatura e mansidão de sua fala, Eduardo Gonçalves Andrade, o Tostão, surpreende. Difícil acreditar que se trata de um dos maiores jogadores que tivemos, sob qualquer parâmetro e em qualquer tempo. Nada em seu apartamento, num bairro de classe média em Belo Horizonte, recende a saudade ou melancolia. Não há posters nas paredes ou troféus nas estantes. Estamos diante de um cidadão comum, mas que foi, depois de Garrincha, o único a ser efetivamente comparado, a ser efetivamente comparável a Pelé — que com razão um locutor esportivo chamava, com acento grave na voz, de ELE. Foi, e como se tivesse forças para perceber o quanto há de acidental em cada destino, deixou de ser, vestindo com a maior compostura a pele do homem comum ("Eu tinha um desejo muito grande, inconsciente, de ser um homem comum").

Talvez seja difícil para o leitor de hoje lembrar-se da grandeza de seu futebol, que encontrou provavelmente o apogeu nas Eliminatórias de 1969. Tostão marcou nada menos que dez dos nossos 22 gols, deixando o próprio Pelé para trás, e fazendo algumas jogadas realmente inesquecíveis (basta

(*) Niura Bellavinha participou desta entrevista, realizada no dia 23 de abril de 1993, em Belo Horizonte.

lembrar o drible que precede o terceiro gol contra a Venezuela, que aparece no vídeo "Tostão, a Fera de Ouro"). Baixinho, de pernas gordas, tudo nele era sutileza e inteligência, compensando, como irá repetir mais de uma vez nesta entrevista, em visão de jogo o que seu físico lhe negava. O que é difícil explicar, no entanto, num corpo tão franzino, é seu incrível faro de gol, esse instinto que alguns grandes jogadores têm, e outros não, de pôr a bola para dentro. Tostão parecia pressentir esse instante que antecede o gol. Ele estava sempre lá, na hora exata.

Que tenha deixado de lado esse talento e se adaptado à função inteiramente diversa que desempenhou na Copa de 70, terá sido apenas a mais sutil de suas sutilezas. A inteligência de seu futebol e a generosidade de seu caráter logo compreenderam a necessidade de deixar solta, em toda a sua potência, a mola-mestra daquele time: Pelé. Foi em torno dessa necessidade, creio, que Tostão construiu seu jogo. O "jogar sem bola", expressão paradoxal que ganhou celebridade, diz respeito à sua presença difusa dentro de campo, mas que em nenhum momento atrapalha a movimentação de Pelé. Do artilheiro autêntico das Eliminatórias, que ensombreceu algo da atuação de Pelé, Tostão transformou-se, na Copa de 70, neste toque, neste deslocamento, nesta deixada, neste drible essencial (o termo é dele) que tantas vezes fez a diferença. Sem ser seu oposto (como Garrincha), seis anos mais jovem e jogando na mesma posição, Tostão soube aproximar-se da força presente no futebol de Pelé.

Isso revela, creio, uma qualidade marcante em Tostão, tão presente nesta entrevista: seu extraordinário senso de medida. Repare o leitor como é refinadamente ordenado seu mundo: Pelé é incomparável, Maradona é o maior artista da bola (embora não seja talvez o mais eficiente), a geração de 70 e a de 82 se equivalem, sua jogada mais bonita não é a sequência de dribles do gol contra a Inglaterra (pois o passe não foi consciente, ele não viu Pelé), mas o toque para Jairzinho, no calcanhar do zagueiro, no segundo gol contra o Uruguai, a ansiedade é benéfica até certo limite etc. Como no poema de Manuel Bandeira, tudo parece estar em ordem, cada coisa em seu lugar, sem que se tire dessa capacidade ordenadora qualquer preceito moral (do tipo "futebol deve-se jogar assim ou assado"), ou melancólico ("na minha época era muito melhor"). Ao contrário. Como quem acertou, na medida do possível, as contas com o próprio passado (e que passado!), Tostão comenta com grande serenidade o que vê. Vem daí sua generosidade com o time do São Paulo, em particular com Raí, sua modéstia em colocar-se abaixo de Maradona e a ausência de qualquer ressentimento contra o que veio depois: — Por que a seleção de 82 perdeu? — Perdeu porque Copa do Mundo é um jogo só. Se fosse turno e retorno, ganhava disparado."

Ao abandonar o futebol por contusão (para quem tanto enxergava em campo, o olho de fato não podia lhe faltar), sob comentários maldosos de que teria se transferido para o Vasco já contundido (logo ele, que renunciara aos 15% de seu passe para facilitar a transação), Tostão fez aquilo que, até onde eu sabia, ninguém teve realmente coragem de fazer: simplesmente sumiu, voltando a Belo Horizonte e construindo o dia-a-dia anônimo do dr.

Eduardo Gonçalves Andrade. O “desejo muito grande, inconsciente, de ser um homem comum” parece ter lhe reservado algo que seus dias de glória não podiam lhe oferecer um lugar tranquilo de onde olhar, de onde exercer sua medida. Daí seu prazer, de fato visível, em responder ao que lhe era proposto. Se duas perguntas vêm “encavaladas ” numa só, ele as destrincha e responde a ambas. Tudo, nesse mineiro, trai o longo convívio consigo e com os próprios fantasmas, que seu interesse recente pela psicanálise apenas explicita. Quem sabe o nome disso, afinal, seja sabedoria. (Nuno Ramos)



Seu nome ficou ligado a essa história de jogar no vazio, o que é uma coisa paradoxal para quem fez tantos gols. De onde veio essa história de que o Tostão jogou no vazio na Copa de 70?

Não tem muita base esse negócio de jogar no vazio, essa coisa de jogar sem bola. O pessoal falava, na época da Copa de 70, que eu joguei muito sem bola. Na verdade, eu sempre joguei com bola (risos). O que aconteceu em 70 foi o seguinte. Na época, eu era reserva do Pelé, porque jogava na mesma posição que ele. O Zagalo quando entrou colocou outros centroavantes para jogar. Ele achava que eu não era um jogador com características para jogar lá na frente.

Quem achava isso era o Zagalo ou o Saldanha?

O Zagalo. O Saldanha era o contrário, ele gostava muito de mim e dizia que eu tinha que jogar em qualquer posição, de qualquer jeito... Eu jogava muito recuado, quer dizer, do meio do campo para frente, nunca parado na frente. O Zagalo queria um jogador que jogasse na frente. Então ele foi chegando e falando: o Tostão é reserva do Pelé, que ele não joga na frente, a posição dele não é essa. E convocou o Dario, colocou o Roberto e outros centroavantes. Eu, apesar de não ser a minha posição verdadeira, achava que podia jogar ali também. Lógico, achava que eu deveria ser o titular nessa posição. Então o Zagalo experimentou os outros jogadores, foi vendo pelos treinos, teve um pouco de influência dos outros jogadores, do Pelé, do Gérson principalmente, e foi vendo que eu tinha que jogar ali na frente, naquela posição que ele achava que eu não poderia jogar. Fui escalado como titular uma semana antes de começar a Copa. Estava vindo de uma contusão, com problemas na vista. Não fiz os treinamentos que todos os jogadores fizeram. Eu não estava no auge da minha forma, havia seis meses que não jogava. Fui jogar ali na frente...

Isso já em Guadalajara, no México?

No México, logo antes de começar a Copa. Então, um pouco por criação minha e de outros jogadores, chegamos a um modo de jogar que é o seguinte: eu ia jogar na frente, ficava junto com um jogador que os times

européus usam muito, um zagueiro de libero atrás, jogando na sobra. Ia jogar bem lá na frente junto desse zagueiro, e ia servir como um anteparo para os outros jogadores. Quer dizer, quando algum pegava na bola eu entrava posicionado para jogar de tabela e de costas para o gol. Foi uma maneira criada assim, de última hora, mas que eu conhecia, sabia como era. Joguei nessa posição em que eu tocava, eu ficava muito pouco com a bola no pé, e ao mesmo tempo eu jogava na frente, não deixando esse libero sair para dar cobertura. Com isso, quando um jogador de meio-de-campo ou um ponta ganhava a jogada, ele não sofria essa marcação do libero, que estaria preocupado comigo. Isto não é a maneira que eu gostaria de ter jogado, a minha posição realmente era outra. Acho que eu apareci pouco na Copa de 70, apesar de ter havido alguns lances decisivos de que eu participei.

Contra os ingleses, o gol quase foi seu.

Contra os ingleses, contra o Uruguai... Mas ficou uma posição meio fora das minhas características. Por isso criaram esse negócio de "vazio".

Você foi o jogador de fato mais comparado ao Pelé. Eu queria saber qual é o peso dessa comparação, já que o Pelé é... uma barbaridade. E como é jogar com ele? Você sentiu isso como algo diferente?

Sem nenhuma falsa modéstia, eu nunca me aproximei do Pelé. Ele foi um jogador realmente à parte, muito acima de todos os outros jogadores de todas as épocas. O Pelé tinha tudo, todas as qualidades. Eu tinha grandes qualidades, mas algumas dificuldades. O Pelé não: cabeceava muito bem, tinha velocidade, driblava, era um jogador muito inteligente dentro do campo. Apesar de ter sido uma pessoa pobre, ele tinha um físico exemplar de atleta. E eu era um jogador que não tinha grande velocidade. Eu tinha um arranque muito bom, mas quando a bola ia numa distância em que eu precisava de uma velocidade maior, eu não tinha. Cabeceava mal, saltava pouco. Eu não tinha a condição física do Pelé, não era um atleta. Lembro até hoje que um grande jornalista falou que não sabia como eu jogava, porque eu não tinha nada de jogador de futebol, tinha perna curta, não era alto. Não tinha características de um grande jogador. Mas eu tinha grandes qualidades, principalmente a de jogar vendo o jogo. No segundo em que a bola chegava em mim eu já sabia o que fazer, tinha uma visão de jogo muito grande.

Inteligência no futebol é visão de jogo?

É. Quer dizer, que o jogador não jogue só com a bola no pé, não é? Quando a bola está chegando, já saber numa fração de segundo tudo o que está acontecendo em volta, qual o jogador que está desmarcado. Ter essa visão de conjunto, e não só a visão da bola. Isso era uma coisa que eu tinha demais, estava acima dos outros jogadores. Passava muito bem, tinha técnica, domínio de bola. Mas não tinha essa explosão física que o Pelé tinha de sobra. Então eu acho que fui um grande jogador, mas o Pelé realmente é à parte. Agora, em relação a jogar com o Pelé, eu, por ter essa visão de

jogo, achei uma maravilha jogar com ele. Era extremamente fácil, porque o Pelé também era um jogador que quando a bola chegava nele, naquele segundo em que a bola está chegando, ele já sabia o que ia fazer com ela, já olhava para ver onde eu estava. E eu já me posicionava no lugar para receber dele. A gente trocava os passes com uma facilidade muito grande. Além disso, pelo fato de o Pelé ter uma condição física muito melhor do que a minha, quando a bola chegava em mim, ele já sabia antes dela chegar que já podia partir para algum lugar para receber. Havia um entrosamento, um pensava com o outro rapidamente. Acho que isso facilitou muito para mim e para ele. Vi grandes jogadores individualistas, de grande potencial, que quando jogavam com o Pelé jogavam mal. Eram jogadores que quando pegavam a bola queriam fazer a jogada deles, individual, não havia esse entrosamento.

Quem, por exemplo?

Alguns jogadores que foram testados na seleção brasileira, ou que jogaram com o Pelé durante muito tempo. Dario, Roberto...

Quando vi o Pelé jogar, ele já estava um pouco mais velho, sem essa explosão física tão forte. Mas vendo os vídeos antigos, a impressão que dá é que ele não tinha um técnica tão apurada no sentido Maradona ou Tostão do termo. Ele parece mais um campo magnético: a bola vai batendo nos outros e sempre sobra para ele. É como se atraísse a bola. E com uma pujança física absurda, a ponto de parecer que os outros jogadores estão em câmera lenta e ele na velocidade normal.

Por isso o Pelé era completo, porque fazia gol de todo jeito. Quando ele partia e o zagueiro trombava com ele, ele não caía, não perdia o domínio da bola. Cabeceava como ninguém nunca cabeceou igual. Chutava muito bem, tinha uma velocidade incrível. O que ele tinha de menos — ou melhor, não é que ele não tinha, mas não chamava atenção nele — era essa habilidade com a bola que eu tinha, e o Maradona tem demais.

O Zico...

O Zico tem aquele domínio de bola curto, aquela coisa da bola grudar no pé, ali. O Pelé não tinha isso, mas também não precisava, isso era o de menos. Ele era muito mais prático, a bola chegava e ele já colocava na frente e já ganhava.

Ele tem aquela frase genial que o caminho mais curto até o gol é a linha reta.

O jogo dele era muito mais completo. Por isso ele foi o melhor. A gente fica imaginando que é impossível em qualquer época futura ter um jogador com todas as qualidades que ele tem. Porque não tem jeito de ser melhor.

Voltando um pouco à Copa de 70, queria conversar sobre a saída do Saldanha, que foi uma coisa um pouco traumática. Você fala sempre nele

com carinho, parece ter tido uma amizade com ele. Como é que foi essa saída, como ela soou para vocês?

Minha relação pessoal com ele realmente era muito boa. O Saldanha gostava muito de mim, e nós conversávamos muito. Sentávamos e conversávamos sobre assuntos variados, além de futebol. Ele era uma pessoa boníssima. O que aconteceu foi o seguinte. Primeiro, na época da eliminatória, e depois até a preparação para a Copa do Mundo, ele estava numa fase em que bebia muito. Já tinha um saúde precária nessa época. Problemas pulmonares, fumava muito, não tinha boa saúde. Então havia alguma coisa contra ele por causa disso, mas isso não impedia que ele desse conta da sua função. Ele não precisava estar 100% bem fisicamente para participar realmente dos treinamentos. A função dele não era essa, era observar o jogo, conversar com os jogadores e armar o time. Mas havia alguma coisa contra ele na direção da CBD por causa disso. Segundo, o Saldanha tinha um passado político muito intenso. Ele foi, me parece, comunista, uma pessoa que participou das coisas. Na época de 69 estava frequentemente falando alguma coisa contra, ele se posicionava politicamente contra a situação do país de então. E em 69 o Brasil estava no auge da ditadura do regime militar, da repressão. Indiscutivelmente, isso incomodava a CBD, que, apesar de ser um órgão esportivo, não deixava de ter alguma ligação com as coisas do governo. Como futebol é uma coisa muito popular, interessava muito ao governo que as coisas tivessem sincronia com o regime militar. Além disso, houve um episódio com o Pelé que até hoje eu não entendi. O Saldanha falou que o Pelé estava míope e não tinha condições de jogar.

O que foi isso? Você nunca conversou com ele depois?

Não, e eu não entendi isso. Primeiro, porque fiquei sabendo que o Pelé tinha uma miopia leve, que não atrapalhava para jogar. Foi assim que ouvi falar na época. E vendo o Pelé jogar, o que ele fazia no campo... Ninguém entendeu esse negócio do Saldanha. Ele era muito de frases, eu acredito que o que houve foi ele estar conversando — ele falava muito — e acabou falando esse negócio. Quer dizer, não sei qual era a intenção dele.

Isso foi pouco antes dele sair?

Logo antes. Então acho que juntou tudo isso. Problema político, problema de saúde, e esse problema do Pelé. Acho que houve uma influência política na saída dele, não tenho dúvida. Ficou a seguinte dúvida: se ele forçou a sua saída. Ficou esse zunzum lá. Que ele queria sair, e forçou essas coisas.

Por que ele iria querer sair, com um time daqueles na mão?

Também acho que não, acho que ele queria ir até a Copa.

Foi ele que montou o time?

Em 69, quando ele pegou a seleção logo antes de começar a eliminatória, ele colocou os melhores jogadores para jogar. Por exemplo, o

Rivelino era reserva do Gérson. Aí ele chegou e falou: "Rivelino e Gérson têm que jogar".

Pelé e Tostão têm que jogar...

"Tostão não pode ser reserva da seleção, ele tem que jogar." Aí ele me colocou também como titular. Inclusive na época eu estava com problemas na vista, e o Saldanha falou assim: "Você é titular absoluto, fala isso para a imprensa. No dia em que você estiver em condição de jogar o lugar é seu". Isso me deu muita confiança, foi um incentivo muito grande. Ele foi colocando as pessoas. O Piazza era um jogador um pouco desvalorizado em termos de Seleção Brasileira. Ele chegou e botou o Piazza para jogar também. A maneira dele conduzir o time era muito boa, todo mundo gostava dele. Era um técnico que não tinha grandes preocupações táticas, mas ele sabia os detalhes que faziam qualquer pessoa produzir mais.

A gente sente a presença do técnico de forma muito atuante hoje em dia. O Telê dá a impressão de ser um craque a mais em campo. O Raí passou a render muito mais com ele. Aliás, quando não está com ele não rende tanto. O técnico apitava tanto na sua época quanto apita hoje?

A impressão que eu tive pela minha passagem no futebol, pelo que eu escuto na televisão e vejo nos jogos, é que a maioria absoluta dos técnicos vive num lugar-comum, numa repetição. Todos falam as mesmas coisas, armam os times do mesmo jeito, dão as mesmas preleções. Se você pegar 90% dos times que estão jogando, com técnicos diferentes, e gravar, vai ver que eles estão fazendo a mesma coisa, falando a mesma tática: "... e você entra na linha de fundo, cruza na área, o atacante chega...". Esses chavões que eles vivem repetindo, repetindo. Então, quando aparece um técnico igual ao Telê, ressalta muito. Eu acho que o Zagalo era um grande técnico.

E essa história que eram vocês que armavam o time?

Não. Eu acho que o Zagalo é um grande técnico. Ele não é uma pessoa simpática no contato com as outras pessoas. Mas acho que ele é extremamente eficiente, ele sai fora dos chavões.

Qual a diferença entre ele e o Saldanha, por exemplo?

O Saldanha era um técnico que não se preocupava com a tática. Preocupava-se com os detalhes pessoais de cada jogador. Ele pegava você e falava. Teve um dia que ele falou comigo que eu estava jogando de primeira demais, que havia horas que eu tinha de segurar mais a bola. Detalhes assim, se ligava individualmente no jogador e dava umas orientações para que ele pudesse render mais. E o Zagalo não, ele era muito tático. Ele é aquele técnico que arma o time no quadro-negro, com opções. Mostrava as jogadas, ensaiava muitas jogadas. Essa era a grande qualidade dele. Levava a coisa mais cientificamente no futebol, sem perder a individualidade. Acho que deve haver uma somatória desses dois lados: a individualidade do jogador tem que ser preservada e a tática também. A

tática do Zagalo era muito produtiva. Ele arrumava um punhado de opções dentro de campo que poderiam ser feitas de acordo com o jogo. Ele treinava muito o lado tático.

Mas ele não montou um time chato demais, preso demais, em 74?

É o seguinte: com tática, preparo físico etc., o que prevalece no final é a qualidade do jogador. Isso é indiscutível. A qualidade do jogador é que vai decidir, ela está acima da tática, do preparo físico, da organização. Os times que ganham a Copa, ganham principalmente porque têm jogadores que criam jogadas brilhantes. É isso que faz a diferença.

A Copa de 70 foi usada de um jeito meio sombrio: uma felicidade nacional imensa numa época muito dura do país, que marcou talvez o pior momento do regime militar. E a Copa foi, digamos, a estampa desse governo Médici. Como isso soava entre vocês, havia conversas sobre isso? Você teve algum tipo de vergonha pessoal pela forma com que a vitória foi utilizada?

Não houve conversa. Principalmente depois do Saldanha sair, porque o Saldanha gostava muito de conversar sobre essas coisas. É aquilo que eu falei, acho que houve algum problema político também com ele. Agora, na verdade, a maioria absoluta dos jogadores era alheia à situação política do país.

Pelé também?

A princípio, sim. Quer dizer, eu nunca vi uma posição dele assim mais pública, não é? Com raras exceções, a maior parte estava era preocupada com o problema do futebol, em ganhar o jogo com a sua profissão — problemas políticos à parte. Confesso que isso me incomodava demais. Eu tinha na época ideais políticos. Não participava, porque, por várias razões, era difícil participar. Mas na intimidade, com meus amigos, minha família, era extremamente contra o regime que tinha o país. Agora ali, durante a Copa, os preparativos, minha atenção era toda no futebol. Eu achava que isso não podia atrapalhar a minha atividade, a minha profissão. Eram duas coisas separadas. A minha intenção ali era fazer o melhor. Depois que passou, que eu vi que aquilo foi o que estava sendo, é então que a gente percebe que aquilo teve um valor político grande. Isso me deixou muito incomodado. Por exemplo, eu me arrependi muito quando nós voltamos do México e fomos recebidos lá pelo Médici em Brasília, aquele negócio todo. Eu me critiquei muito por ter ido lá. Naquela época, aquilo era o de menos. O que contava era a festa, aquele oba-oba, toda a alegria de ter ganho a Copa. Mas...

Você tinha a opção de não ir?

Não foi colocado isso, não. Inclusive seria uma coisa que teria repercussão política grande, e isso poderia me trazer prejuízo. Depois que passou é que percebi a coisa. Aí, fiquei com raiva de mim. Eu devia ter tido uma postura política. Era uma grande oportunidade pessoal minha, como

ser humano, de lutar por meus ideais. Foi uma oportunidade que eu perdi. Eu devia ter protestado, falado que não ia lá. Eu ia me sentir muito orgulhoso disso. Fiquei arrependido de não ter feito. Mas acho que as coisas também não podem... Não tem sentido eu falar assim: ah, não vou jogar porque a situação política do Brasil...

Mesmo porque a alegria que você trouxe foi uma alegria pros mais pobres...

A minha carreira, minha alegria de jogar futebol e ser campeão, isso foi uma coisa muito importante para mim. Eu não podia abrir mão disso, da minha carreira.

Agora vamos falar um pouco sobre futebol em geral. Há um melancolia muito grande cercando o futebol, como se houvesse uma idade de ouro que foi perdida. Tenho a impressão de que a sua geração, tendo o Pelé como a pessoa que representa isso, é o ponto de equilíbrio entre um mundo que hoje é extremamente físico, profissional, com uma disputa exagerada, muito dinheiro e uma época anterior, onde havia espaço demais em campo, quase totalmente amadora. Essa época de 58 a 70 foi talvez o momento mais bonito do futebol, a Grécia do futebol, como diz um amigo meu. Você acha que houve uma piora técnica do jogo? Porque sempre que há uma comparação entre jogadores antigos e novos, os atuais levam a pior. Mas eu vi o Zico jogar e acho difícil alguém passar, por exemplo, melhor que ele. É uma questão até do limite físico do jogo. E as pessoas falam como se o Zizinho, o Didi fossem cem vezes melhores. Será que o Zico é pior? Como seria para você essa comparação entre os jogadores antigos e os mais recentes?

Acho que no futebol atual, de uns tempos para cá, houve uma hipervalorização da tática, do preparo físico. O futebol ficou mais disputado no sentido físico. Há no momento uma diminuição da beleza técnica dos jogos. Antes, havia muito mais jogadas criativas, bonitas, individuais do que agora. Acho que isso foi um fator fundamental para o Brasil não ter ganho uma Copa do Mundo nos últimos vinte anos e ter ficado para trás. Tem havido a idéia de que o futebol produtivo é o futebol competitivo. Mas o que faz o futebol ser produtivo é a qualidade técnica do jogador. E o que há é a valorização do físico, da organização, da tática. O jogador técnico, a capacidade individual está pouco valorizada. Os times brasileiros mudaram completamente a maneira de jogar nos últimos vinte anos. Principalmente de uns cinco, dez anos para cá, a posição do jogador dentro de campo está bem diferente. Mas o que hoje os times consideram uma grande inovação técnica é igualzinho ao que os europeus jogavam há trinta, quarenta anos. Isso não é avanço nenhum, pelo contrário, fez com que o futebol brasileiro piorasse. Só vejo um único time jogar diferente: o São Paulo.

Você não acha que, tecnicamente, a seleção de 82 era comparável à de 70? Por que ela perdeu?

De 70 para cá, foi o único grande time de futebol brasileiro, porque tinha grandes jogadores. Perdeu porque Copa do Mundo é um jogo só. Se fosse um campeonato de turno e retorno, teria ganho disparado.

Você é de uma época em que havia uma sobra de bons jogadores de meio-de-campo, aponto de não haver lugar para todos na Seleção. Hoje em dia, talvez o único camisa 10 — tirando o Júnior que está velhinho — seja o Raí. Se ele dormir em campo, como faz às vezes, ou se estiver machucado, tenho a impressão de que a seleção cai demais. Temos um ataque bom, uma defesa como nunca tivemos, mas falta um cara para armar. Por que será que isso acontece?

A sua opinião é justamente o que eu tenho observado. Por exemplo, a última Seleção Brasileira, que disputou a Copa de 90 e perdeu. Só havia seleções fracas, bastaria o Brasil ter um time um pouco melhor que daria para ganhar. O defeito gravíssimo do nosso time é que não havia um jogador de meio-de-campo de grandes qualidades técnicas. Tinha só jogador que corre muito, mede, marca... A grande diferença da Seleção de hoje para a de três anos atrás é o Raí. Mas houve também outras melhorias. A melhor jogada que um time tem hoje é ter um ou dois jogadores no meio-de-campo que sabem avançar e aparecer na área para fazer gol, igual o Raí faz. O ideal é ter dois. E a Seleção atual, além do Raí, tem outros jogadores que são bons. Por exemplo, o Palhinha, o Luís Henrique são muito melhores do que Alemão, Dunga, Silas — o meio-de-campo de três anos atrás. Tem também o Neto, com todos os defeitos dele. Ele tem algumas qualidades tão grandes que supera muitas outras coisas. Ele chuta tanto, que em algumas situações a presença dele vai ser imprescindível.

Fala um pouco do Cafu. Você não acha ele bom demais?

Ele não me entusiasma como um jogador qualificado. Ele me lembra muito aquele jogador peladeiro, que joga de ponta esquerda, centroavante, ponta direita, meio-de-campo. Ele corre atrás da bola, nem sabe qual é a posição dele. Não acho que ele vai ser esse grande jogador que estão pintando. Ele é mais potência física, tem uma velocidade muito grande. No São Paulo, o time está armado de um jeito que dá chance para ele jogar assim. Mas talvez, se estivesse num outro time, ele não apareceria tanto.

Então eu acho que essa Seleção de hoje é muito melhor que a de três anos atrás. E além disso, pelo que tenho visto, as outras seleções estão fracas. A próxima Copa vai ser nos Estados Unidos, fora do ambiente da Europa. Acho que isso vai beneficiar o Brasil e a Argentina.

A não ser que o Maradona resolva...

O Maradona está numa fase de decadência indiscutível, embora ainda seja um grande jogador. Ele é um jogador que tem uma técnica fenomenal. É um artista da bola, faz o que quer com ela. No auge, tirando o Pelé, é difícil achar outro jogador melhor que ele.

E o Zico? Ele fez setecentos gols numa época em que não é fácil fazer gols, e o Maradona uns trezentos. O Zico tem esse instinto de gol que o Maradona não tem.

Ele ainda é superior ao Zico, é mais artista. Acho o seguinte: Zico, Falcão, Júnior, Sócrates, esses jogadores estão no mesmo nível que eu, Rivelino, Gérson, Jairzinho. Agora, esse negócio de comparação com Didi, sempre tive a impressão que o Didi ainda foi melhor do que todos nós. Mas é questão de época, é difícil comparar.

E o Maradona, você põe um pouco acima?

É, eu ponho. Foi o mais artista de todos. Não sei se foi o mais produtivo, mas foi o maior artista da bola, aquele que faz mais coisa bonita com ela. Estamos esquecendo do Garrincha, que era uma coisa à parte...

Você jogou com ele?

Em 66, o Garrincha estava parando, e eu começando. Então joguei, treinei com o Garrincha para a Copa de 66. Ele estava no final, não tinha mais condições físicas para jogar, e estava se fazendo um grande esforço para tentar colocar ele em campo. E ele também fez um grande esforço para jogar. O Garrincha para mim foi um gênio do futebol.

Você acha que hoje ele teria condições de jogar?

Acho que sim, não concordo com esse negócio de que hoje ele não jogaria. Acho que hoje o que está faltando é jogador igual ao Garrincha, que pega e dribla, dribla um, dribla dois. Nós estamos com muito jogador atleta demais e pouco criativo. Mesmo o Raí não é um artista da bola igual ao Sócrates. Mas é um jogador tão produtivo que vale a pena. Além de ser tecnicamente muito bom, luta muito em campo. Às vezes é o craque que carrega o piano também. Porque tem aquele negócio do craque que fica só fazendo jogada bonita e coloca um outro do lado para correr para ele. E o Raí não, ele joga e é o carregador de piano. É isso que faz a diferença dele. Para mim não tem dúvida, é o maior jogador do Brasil. Se ele não jogar, piora muito, porque não tem outro para chegar próximo a ele.

Apesar de não ter construído uma carreira marcante na Seleção, Dirceu Lopes foi seu grande companheiro de clube, o Cruzeiro. Fale um pouco dele.

Havia uma rivalidade, principalmente da imprensa e dos torcedores, em relação a mim e ao Dirceu, ficava aquela disputa. Os torcedores gostavam de se reunir para discutir quem era melhor: Tostão ou Dirceu? E na verdade nós dois nos completávamos. Porque o que o Dirceu tinha de sobra é o que eu tinha dificuldade. E o que eu tinha de sobra, o Dirceu tinha dificuldade. Ele era um craque com a bola no pé. A bola chegava nele, ele tinha um drible, uma rapidez, uma velocidade... Saía, corria o campo todo, estava sempre com a bola. Chutava bem, fazia gols de fora da área. O que sobressaía nele era a individualidade, a técnica. A capacidade individual de

driblar. E o que sobressaía em mim era o contrário. Eu era um jogador que corria pouco com a bola, eu driblava muito pouco no jogo.

E aquilo que você fez contra os ingleses em 70?

É, mas meu drible é o drible essencial. Eu jogava muito de primeira, essa era a grande qualidade minha. Quando a bola chegava em mim, eu já via quem estava melhor colocado e tocava de primeira. O Dirceu não, ele era jogador de segurar a bola e ir para cima. Tinha uma velocidade incrível. Já eu era um jogador de pouca velocidade, um jogador de passes. Outra grande qualidade que eu tinha era o passe. Pegava e jogava a bola no meio de três beques, um atacante ia entrando e recebia a bola livre. O Dirceu raramente fazia isso, ele levava a bola. Então nós dois nos completávamos. Acho que a dificuldade do Dirceu na Seleção foi justamente esta. Num ambiente diferente, com jogadores de mais nome, ele não se sentia à vontade para pegar a bola e fazer a jogada que ele fazia no Cruzeiro. E perdia a qualidade que tinha. Já eu logo me entrosei com Gérson, Rivelino, Pelé. Minha maneira de jogar era mais fácil de entrosar.

Gol de cabeça você quase não fez, não é?

Fiz poucos porque eu não era um bom cabeceador. Teve uma época que eu comecei a treinar muito, sabia que isso era um defeito. Aí melhorei. Numa coisa que eu era ruim passei a ser regular. Comecei a fazer uns gols de cabeça, mas graças a um esforço muito grande.

Na hora de parar de jogar, você foi um caso radical. A impressão que dá é que você sumiu depois que se machucou, logo depois de ir para o Vasco. Como é essa passagem de uma vida extremamente pública para uma vida familiar, de homem comum?

O dia em que eu tive de parar de jogar, quando tive um problema na vista...

Isso foi duas vezes, não é? Começou com aquela famosa bolada do Ditão?

Começou assim, foi em 69. Aí eu fui operado, fiquei cem por cento, tive autorização médica para voltar a jogar normalmente e voltei antes da Copa de 70. Joguei até 73, quando voltei a ter problemas na vista.

Outra bolada?

Não, não. Apareceu, fui reoperado, houve problemas e recebi uma orientação, uma ordem médica de que deveria parar de jogar. Então encerrei minha carreira. Pensei, o que é que eu vou fazer agora? Antes de ser profissional, minha aspiração como jovem não era ser jogador de futebol. Era estudar, fazer carreira universitária, eu gostava de ler, tinha ambições culturais. O futebol chegou como diversão. E eu sabia jogar, aquilo cresceu, eu falei: não vou atirar isso fora, e comecei a jogar profissionalmente. Parei com tudo, e joguei. Minha carreira teve só uns dez

anos. Eu estava com 26 quando parei o futebol. Eu pensei, estou novo ainda, tenho duas opções. Ou ficar ligado ao futebol como técnico ou comentarista, ou voltar a estudar apesar de estar com 26 anos, e entrar na faculdade. Aí resolvi que iria estudar, era o meu sonho, meu ideal de jovem. Fiquei um ano estudando e me preparando, e entrei na medicina. Então, o que aconteceu foi o seguinte: eu queria me dedicar à carreira médica obsessivamente. Ser um bom médico, fazer coisa boa, levar a sério minha profissão. Mas havia uma dificuldade muito grande, um conflito dentro de mim entre meu passado e esse novo anseio que eu tinha. Na faculdade, o fato de eu ser alvo de muita curiosidade me incomodava. Eu estava estudando, e precisava me dedicar àquilo, e ao mesmo tempo era sempre requisitado pelo futebol, aparecia gente na faculdade. Eu estava me sentindo incomodado de não ser uma pessoa normal. Pensei, preciso cortar mais esse vínculo. Hoje eu percebo que fui assim radical no início.

Você parou de dar entrevista?

Não que eu parei. Evitava ir a programas, a campo, ter contato com esse tipo de coisa. Não que ficasse totalmente alheio, pelo contrário, eu acompanhava o futebol, gostava de futebol, continuo gostando, assistindo. Mas então havia um desejo muito grande, inconsciente, de ser uma pessoa comum...

Coisa mineira isso, não é?

Era assim: o nome não me deixava ser eu mesmo. O referencial que as pessoas tinham de mim era sempre do Tostão, do jogador de futebol. Isso antes incomodava muito, eu me sentia sem identidade própria. Inclusive para conviver com as pessoas, havia uma barreira. No fundo, mais do que elas, era eu mesmo que colocava essa barreira. Ficava uma relação assimétrica, e não entre pessoas iguais. Isso tudo foi mais um motivo para eu me dedicar a ter uma profissão... Outra profissão. E eu queria ser vitorioso na minha carreira médica também. Havia esses conflitos muito grandes. Na minha própria profissão havia dificuldades em me relacionar com os pacientes, com os médicos, com os alunos, quando passei a ser professor. Acho que mudei muito em relação a isso, hoje eu levo numa boa. Não tenho mais nenhuma preocupação em me esconder. Pelo contrário, o referencial que as pessoas têm de mim no futebol não me incomoda em nada, isso faz parte da minha vida. Não tenho que ver isso como uma coisa separada.

Você nem queria que as pessoas te chamassem de Tostão no serviço?

Não, de jeito nenhum. Isso aí na verdade foi o pessoal da imprensa que criou. Houve um programa na TV Globo que foi marcante. A Globo queria fazer uma reportagem comigo, e eu não queria, recusei. Então fizeram uma reportagem fazendo aquele estardalhaço, aquele negócio que chama a atenção, de manchete em horário nobre, dizendo que eu tinha raiva do futebol, que eu tinha jogado meus troféus fora. Assim, textual-

OPINIÕES DE UM HOMEM COMUM

mente. Que eu não gostava de futebol, não queria falar de futebol, não queria que as pessoas me chamassem de Tostão. Foi tão marcante isso que ficou.

Quando foi isso?

Deve ter aí uns dez anos.

Um jogador "envelhece" duas vezes na vida. Por volta dos trinta e poucos já é velho para jogar futebol. É como se ele ficasse velho com essa idade e envelhecesse biologicamente mais tarde. Como é isso de envelhecer para o jogador?

O duro é quando você acaba de jogar, essa sensação de vazio que tem. Normalmente, todo mundo tem uma profissão só na vida. Quando você acaba de jogar, cedo, tem a sensação de que você acabou. Eu queria também lutar contra isso, me identificar em outra profissão. Na verdade, apesar de eu ter levado a sério o futebol — treinava muito, cumpria minhas obrigações —, a minha sensação é de que o futebol foi uma diversão, não uma profissão. Quer dizer, era agora que eu ia começar a minha vida, ser médico, ter uma profissão.

Você era um dos dois, três melhores jogadores do Brasil, que é talvez o país onde se joga melhor. Em outras atividades, isso não é tão mensurável. Embora haja padrões para ser um bom médico, um bom artista, não é uma coisa....

Isso me incomodou muito. Acho que eu fiquei obsessivamente querendo ser o Tostão da medicina. Era conflitante, porque eu era mais velho, já tinha uma situação financeira estável, não precisava enquanto médico correr atrás dos bens materiais que aquilo poderia me dar. Ao mesmo tempo em que eu queria ser um bom médico, eu pensava, para que eu vou me matar aqui na medicina? Isso foi muito confuso para mim. Eu tinha vontade de fazer cursos de especialização, mas não queria ficar me matando. Acabei optando por uma coisa mais simples. Já tem quase sete anos que a única atividade que tenho como médico é trabalhar na faculdade. Acabei com os sonhos que eu tinha de ser ultra-especialista, estudar demais, me destacar como médico. Cheguei à conclusão de que nada disso vale a pena, era apenas uma vaidade minha. Então passei a mexer só com a faculdade, trabalho dando aula e atendendo doente no hospital e ambulatório da faculdade. A única ambição que eu tenho é ser um bom professor, fazer bem o que eu faço.

Você às vezes sonha com futebol?

Eu sonho que estou jogando, até hoje. Sonho de fazer gols, de glória. Mas não é uma coisa obsessiva, que eu sonho sempre.

Em geral você aparece jogando no clube ou na seleção?

Nos dois... mais na seleção.

Deve ser difícil esquecer tanta gente gritando o seu nome...

É uma coisa marcante, mas hoje em dia eu tenho uma preocupação de não viver em função disso. É uma coisa gostosa, uma lembrança boa.

Acho o futebol superior aos outros esportes porque há uma diferença muito grande entre o que se passa em campo e o placar final. É um esporte muito injusto, em que nem sempre o melhor ganha. No vôlei, no basquete, não é assim, é muito difícil o time melhor perder.

O futebol cria muitas variações que podem acontecer dentro de campo. No vôlei, no basquete, a surpresa é menor, já que os melhores ganham muito mais do que no futebol. Há menos imprevisto. No futebol, uma jogada, um gol que acontece pode mudar o panorama de todo o jogo. No basquete e no vôlei um grande lance não faz isso.

Quando um gol acontece no estádio, parece que o time adversário caiu, é um negócio que não era para acontecer.

Por isso que acontece pouco mesmo. Não é igual ao basquete onde um jogo tem 100 pontos. Isso faz o futebol ser diferente, o gol tem um valor muito maior. É melhor que fazer uma cesta.

Você podia descrever qual o gol mais bonito, mais impressionante que você fez?

Na minha cabeça agora vieram dois gols, em jogos inexpressivos. Na mesma hora me lembrei de um gol que eu fiz num amistoso entre Cruzeiro e Araxá, que é uma equipe do interior. Recebi uma bola na entrada da área, dominei no peito, dei três chapéus, o goleiro saiu e eu cabeceei por cima dele.

Você estava na metade da área aqui no centro ou pelas pontas?

Pelo centro. Teve também um gol contra um time da Hungria que veio jogar aqui contra o Cruzeiro. Um jogo memorável, porque era um time muito bom, e o Cruzeiro ganhou de 5 a 3. Nesse gol eu peguei uma bola na meia esquerda, fui driblando vários jogadores em sequência, até fazer o gol. Outro gol que eu me lembro foi um que fiz na Bahia, no Cruzeiro contra o Bahia. Eu recebi uma bola no meio de campo também, fui driblando todo mundo, entrando dentro da área e fazendo o gol.

E o jogo mais difícil, você diria que foi contra os ingleses na Copa de 70?

Contra os ingleses e contra o Uruguai também. As pessoas comentam muito na rua comigo a jogada do gol contra a Inglaterra, que eu driblei pelo meio das pernas do Bob Moore, virei e passei para o Pelé.

O Pelé deu uma matada que não existia, não é?

A bola não saiu do pé dele dois centímetros. Parou.

Ele matou olhando para a frente, para o gol. Ficou todo o mundo sem saber o que ia acontecer.

É isso mesmo. Esse lance é muito comentado como uma grande jogada minha. Mas acho que para os dois gols que o Brasil fez contra o Uruguai foram decisivos dois passes que eu dei. Se não foram gols, foram duas jogadas das mais bonitas que fiz em minha vida. O passe pro Clodoaldo pegou ele correndo e caiu na perna do chute certinho. O passe que eu dei pro Jairzinho, que foi o segundo gol do Brasil, acho melhor ainda. Foi um passe que, quando a bola bateu no meu pé, o Jairzinho já saiu correndo e o zagueiro também, só que na frente dele, os dois virados para o gol, sem ver a bola. Então, como o zagueiro estava mais ou 1, 2 metros na frente do Jairzinho, provavelmente ia chegar primeiro. O meu passe foi uma coisa pensada em um segundo. Não foi por acaso, como no passe que eu dei contra a Inglaterra.

Você não viu o Pelé lá?

Não. Essa jogada com o Jairzinho para mim foi mil vezes melhor que a outra por isso. Ele estava correndo e o zagueiro 1 metro na frente. Joguei a bola, naquele segundo ali, atrás do calcanhar do beque e na frente do Jairzinho. O beque sem ver a bola, porque estava correndo virado para o gol. E com isso o Jairzinho já dominou a bola. Quando o beque virou, viu o Jairzinho já com a bola, se descontrolou e perdeu o equilíbrio. Aí o Jairzinho ajeitou mais um pouco e fez o gol. Então, essa jogada para mim é a mais memorável, não a do jogo contra a Inglaterra. Porque ali, naquele segundo, eu calculei tudo. Acho que isso era a minha grande qualidade como jogador. Enxergar esse detalhe no jogo, de o Jairzinho estar atrás do beque e eu ter que jogar a bola entre os dois.

Eu acho que você tinha, para usar um termo meio pedante, um futebol reflexivo. Havia reflexão no seu futebol, enquanto havia jogador que era mais... potência.

Isso não tem muita relação com o nível cultural da pessoa. Pode ter um jogador que é um gênio de inteligência dentro de campo e não tem nada a ver. Garrincha é um exemplo. Ele tinha uma capacidade dentro de campo, de percepção de jogo... Existe um erro muito grande de achar que Garrincha era só driblador. Quando ele driblava, naquela fração de segundo, quando ele ia cruzar, ele não cruzava, ele passava. Jogava a bola onde queria, via o atacante e punha certinho. É diferente do cara que chega ali e cruza, joga na área. Isso é visão do jogo, e eu tinha uma visão muito grande, essa coisa reflexiva. Eu jogava assistindo o jogo. Via o que estava acontecendo, eu sabia onde estavam as melhores jogadas. Percebia o que estava acontecendo, não jogava só com a bola no pé.

Em relação a São Paulo e Rio, será que os jogadores dos outros estados têm menos oportunidade para entrar na seleção?

Às vezes acho que foi comigo que se iniciou essa abertura. Em 70, quando foram convocados os jogadores, foi chamado um de Minas, um do

Rio Grande do Sul, um da Bahia... Só que tinham que convocar 44 jogadores para compor, só para falar que tinha jogador de outros estados. Quando comecei a jogar, jogador de Minas era jogador do interior, era Rio e São Paulo só. Hoje não faz diferença nenhuma. A diferença que tem hoje é de equipe, de clube. São Paulo tem cinco boas equipes, Minas tem duas, a Bahia duas. Mas para aceitar um jogador de Minas, ele tem que ser muito bom. Acho que isso foi uma glória para mim, porque eu consegui isso. Passei a ser um jogador fixo na Seleção Brasileira, reconhecido no Brasil todo e jogando no Cruzeiro. Só no finzinho que fui pro Vasco. Isso é difícil até hoje, embora menos. Atualmente, quem tem de Minas na Seleção Brasileira?

Você ficava nervoso durante o jogo?

O nervosismo é a pior coisa para a criatividade, dentro de campo. Se você fica nervoso, tenso, atrapalha tudo. Então eu conseguia ficar à vontade dentro de campo. Mas antes do jogo eu não dormia direito, ficava suando na mão. Tinha que ir ao banheiro antes de começar o jogo, toda hora ia no banheiro. Eu ficava extremamente nervoso, sempre. Mas achava que isso era bom, porque todas as vezes que eu ficava assim, sentia que tinha que levar o jogo com mais seriedade. A ansiedade, a tensão em qualquer atividade é benéfica, até certo limite. Passou dele, passa a ser prejudicial.

Pancada de zagueiro tira do sério?

Como eu driblava pouco, não tinha grandes problemas, não.

Naquele jogo contra o Paraguai, nas eliminatórias, o zagueiro ficava te enchendo...

Eu me controlava, nunca fui expulso individualmente. Só fui expulso num jogo em que todo mundo foi expulso.

Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Você falou da parte médica. Sabe que eu, de uns anos para cá, comecei a mexer muito com a área de psicologia médica? Estudei muito, fiz cursos...

O que é isso?

É uma coisa que não é uma profissão. Ou se é psicólogo ou médico, né? Só que o médico está o tempo todo deparando com distúrbios psicológicos e aí encaminha para o psicólogo. Então acabei estudando muito isso, fiz cursos. Depois fiz formação psicanalítica, me formei em psicanálise, e sou psicanalista agora, faz seis meses. Estou numa fase de definição da minha vida. Já decidi que não vou abandonar a medicina de jeito nenhum. Então estou pensando em fazer as duas coisas.

Você fez análise?

Fiz pessoal, e fiz formação. Faz parte da formação psicanalítica. E agora estou nessa fase de começar ou não a trabalhar como psicanalista.

OPINIÕES DE UM HOMEM COMUM

Você acha que vai ou não?

Estou na dúvida, acho que isso vai ficar só como uma coisa mais cultural, enriquecedora para mim. Mas como profissão acho muito difícil.

Foi legal fazer análise?

Foi ótimo. Estou vendo se começo uma terceira etapa da minha vida. Estou com um convite para começar a trabalhar no lugar em que fiz a minha formação. Estou na dúvida se vou ou não. Aí seria... seria uma terceira profissão. Apesar de a psicanálise estar muito ligada à medicina, na prática não tem nada a ver. E me formar em outra profissão agora é complicado. Se eu fizer, vou fazer uma coisa sem ambições profissionais, mantendo a minha atividade médica. Eu tenho um tempo que eu fico lendo, estudando, preparando aula, mas durante a semana tenho vários horários que eu fico à toa, que eu faço o que eu quero. Ou seja, daria tempo para fazer as duas coisas.

Acho que deve ser legal tentar, pelo menos...

É, tentar... Na vida você fala, faz um conceito teórico, e as coisas só acontecem na prática mesmo.

Recebido para publicação em
maio de 1993.

Novos Estudos
CEBRAP

Nº 37, novembro 1993
pp. 103-120
